



Carnaval, Futebol e Violência das Torcidas Organizadas: Uma Breve Análise Sobre a Relação entre Barbárie e Civilização na Questão do Carnaval na Cidade de São Paulo Em 2012.¹

José Maurício Conrado Moreira da Silva²

Alexandre Torres Huady³

Lourdes Gabrielli⁴

Maria Elisa Vercesi de Albuquerque⁵

Paula Camargo de Jesus⁶

Rogério Moreira Bandeira de Mello⁷

Universidade Presbiteriana Mackenzie/PUC-SP

RESUMO

O Trabalho busca analisar o conflito entre as ideias de barbárie e civilização, questões presentes no contexto do universo do futebol, tendo em vista que a questão da violência é algo bastante presente na relação que as torcidas organizadas têm com o esporte. O texto, a partir desta questão, analisa o fato de que em 2012, o carnaval paulistano tenha presenciado atos de agressão física, no momento da apuração das notas dos desfiles de escola de samba da cidade, quando torcedores da Gaviões da Fiel, escola ligada ao time do Corinthians, junto a integrantes de outras escolas, acabaram por interromper a apuração. O fato foi bastante veiculado pelos meios de comunicação e torna-se um momento para discussão das relações históricas que o próprio carnaval mantém com a ideia de agressividade e também com o futebol, em São Paulo principalmente.

Palavras-Chave: Futebol; Carnaval; Violência; Barbárie; São Paulo

1 – INTRODUÇÃO

O carnaval de 2012, na cidade de São Paulo, ficou marcado pela relação entre torcidas organizadas de times de futebol, violência e espetacularização midiática. Como descreve reportagem do jornal Folha de São Paulo, do dia 26 de fevereiro de 2012:

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais - GP Esporte - do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Professor Doutor. Pesquisador no Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. zemaucio@mackenzie.br

³ Professor Doutor. Pesquisador no Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Huady@mackenzie.br

⁴ Professora Doutora. Pesquisadora no Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Lourdes@mackenzie.br

⁵ Professora Doutora. Pesquisadora no Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Paula@mackenzie.br

⁶ Professora Mestre. Pesquisadora no Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Elisa@mackenzie.br

⁷ Professor Mestre. Doutorando pelo programa em Comunicação e Semiótica da Puc-Sp. Rogeriob@hotmail.com

No dia 21 de fevereiro, durante a apuração das notas das escolas de samba do Carnaval de São Paulo, no Anhembi (zona norte), uma confusão interrompeu a leitura das últimas notas. A confusão se espalhou, e a apuração terminou em vandalismo. Depois, torcedores da Gaviões da Fiel invadiram a marginal Tietê, chutaram placas da cerca de proteção do pátio enquanto seguiam em direção à quadra da escola. Enquanto isso, alegorias que estavam no estacionamento ao lado do sambódromo foram queimadas.⁸

O fato percorreu os jornais brasileiros, e também internacionais, colocando em evidência, uma parte dos conflitos entre futebol e carnaval, uma vez que a presença de escolas de samba, em São Paulo, oriundas de torcidas de times como Corinthians e Palmeiras tem sido alvo de debates há algum tempo.

As cenas de barbárie mostradas em fotografias e vídeos, e que circularam pela mídia trazem como ponto de reflexão a antiga relação entre o caráter agressivo do próprio carnaval, que desde suas remotas origens, se relaciona à ideia de brincadeira grotesca e visceral. No entanto, mesmo sendo uma brincadeira agressiva, o carnaval sempre esteve em conflito com o caráter civilizatório, principalmente da cultura europeia, que viu na festa, a partir do século XIX, uma possibilidade de domesticação de seu ímpeto, adequando-o aos contextos civilizatórios que passam a emergir no Iluminismo, por exemplo.



Figura 1: Torcedores da Gaviões da Fiel participam de tumulto na apuração dos desfiles de escola de samba de São Paulo. Fonte:www.folha.com.br

O futebol, esporte que ganha visibilidade no século XX com jogos como as copas mundiais, que buscam promover uma competição civilizada entre as nações, a

⁸ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/semanadoleitor/1055769-torcidas-deveriam-ser-excluidas-da-apuracao-do-carnaval-de-sao-paulo.shtml>. Acesso em 05 de maio de 2012.



ideia de coletividade é tão marcante quanto a questão de o carnaval também ser uma festa massiva. Neste contexto, Reis esclarece que:

O futebol é o esporte coletivo de maior sucesso, por possuir uma característica mimética que propicia ao seu público situações de elevada tensão na expectativa do desenrolar das ações dos jogadores e da equipe. Esta tensão provoca no indivíduo um alto grau de expectativa e ansiedade no desfecho da ação que prende o espectador ao jogo. (Reis, 2006, p. 9)

Atualmente, os desfiles de escolas de samba, também partem da ideia de uma competição civilizada: cada escola de samba tem o direito de se apresentar e competir pelo primeiro lugar. Neste sentido, pode-se dizer ainda que a apuração do resultado dos desfiles de escola de samba também partilhe desta ideia de ansiedade, uma vez que esta em jogo a expectativa coletiva, e também individual, daqueles que participaram da construção da festa. Mas, nesta relação entre tensões coletivas e manifestações festivas, tanto dos desfiles quanto do futebol, é fundamental entender um pouco da história do carnaval.

2 – SOBRE O CARNAVAL

O carnaval é uma festa pagã com matriz no mundo Greco-Romano. Sebe (1987) discute que a oposição ordem e desordem é visível na tragédia “As Bacantes” de Eurípedes, sendo, portanto, um indicativo da relação entre a cultura cênica grega e o carnaval. Tanto que a imagem do deus Dioniso será uma associação entre uma imagem de carnaval associada a um ambiente de “loucuras” até os dias atuais.

Quanto ao carnaval propriamente dito, a relação entre a ideia de sagrado e profano vai aparecer já na discussão sobre a etimologia da palavra que para Costa (2001, p.151) pode estar ligada ao “Adeus à carne”,⁹ relativo ao período que antecede a quaresma. Ou seja, um período em que os excessos são permitidos.

Neste sentido, o carnaval é um contexto com aptidão para o exagero que cria um outro universo, caracterizado por um “realismo grotesco” como comentam Sodré & Paiva (2004, p.57) ao analisar que o carnaval é um segundo mundo com regras opostas à cultura oficial. Neste contexto, o realismo grotesco é a principal categoria analítica para Bakhtin, que segundo Sodré & Paiva: [...] *gira em torno do ‘corpo-*

⁹ Outra possibilidade etimológica seria “carrus navalis”: os carros em forma de nave que distribuíam vinho nas saturnais romanas. (Costa, 2001:151)



grotesco', isto é, uma corporalidade inacabada, aberta às ampliações e transformações... É o corpo da gestação, mas igualmente dos desdobramentos, dos orifícios, dos excrementos e da vitalidade. Como se viu acima, a ligação à fertilidade que rituais pagãos como as Saturnais Romanas é reapropriada por Bakhtin. Como festa grotesca, o carnaval celebra a memória oficial pela liberação temporária das leis cotidianas, como aponta Bahkthin (2008, p.8 e 9):

Ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações. Opunha-se a toda perpetuação, a todo aperfeiçoamento e regulamentação, apontava para um futuro ainda incompleto.

Mas, acrescenta-se que este processo se dá pela ambivalência da suspensão dos laços com a realidade ao mesmo tempo em que estes laços também são enfatizados nesta negação temporária, porque o carnaval pode ser entendido como mimesis em sentido aristotélico, ou seja, a invenção de um mundo que pode ser um espelho para a ação do homem.

Em relação ao carnaval no Brasil, sabe-se que a chagada do Entrudo, brincadeira trazidas pelos colonizadores portugueses é considerada como uma das matrizes da festa no país. Um dos pontos relacionados a este antigo festejo é que o Entrudo é caracterizado por seu traço grotesco, sendo descrito sempre por seu caráter selvagem. Neste sentido, Del Priore explica que muitas vezes o Entrudo representava algum tipo de constrangimento social (1994, p.107-110). O mesmo tipo de desconforto social que Araújo (2008) e Ferreira (2005) também descrevem. Uma curiosidade da relação entre a forma do Entrudo no Brasil e Portugal é apontada por Araújo (2008, p.141,142):

No Brasil o Entrudo seguiu fielmente o modelo do que se fazia na Metrópole. Dominava a violência, e 'brincar o Entrudo' significava de fato participar de verdadeiras batalhas com entrechoques de ovos, jatos d'água arremessados de bacias ou seringas, porções de milho ou feijão atirados à rua ou de uma casa para outra, luvas cheias de areia que se quebravam facilmente ao atingir alguém e mais o que se inventasse para agredir, provocar, descompor.



Não se pode afirmar com certeza que a mimesis do Entrudo tenha sido “fiel” ao modelo da Metrópole, até mesmo porque as imitações sempre alteram alguns traços de sua matriz. De qualquer forma, o Entrudo foi mimetizado na colônia e podemos entender que o Entrudo, significando ele mesmo entrada (intróito) era o signo relacionado à marcação do início das festas que prenunciava a quaresma, se caracterizando-se, muitas vezes, pela violência de suas brincadeiras, tendo sido descrito por Charles Darwin como um contexto bárbaro, de acordo com Narloch (2009,p.123,124):

Não havia tantos papeis trocados nos primeiros carnavais do Brasil, mas uma reviravolta de comportamentos também tomava conta. Durante as festas conhecidas como entrudos, as pessoas atiravam bolas de cera nos outros e faziam guerrinhas d’água pela rua. Em 1832¹⁰, ao visitar o carnaval de Salvador com dois tenentes da Marinha Britânica, o jovem inglês Charles Darwin se assustou com os perigos do carnaval baiano. “Estes perigos consistem principalmente em sermos, impiedosamente, fuzilados com bolas de cera cheias de água e molhados com esguichos de lata. Achamos muito difícil manter a nossa dignidade enquanto caminhávamos pela rua, escreveu Darwin em seu diário.

O que se percebe é que se espalhando pelo território brasileiro nestas condições da comunicação face a face, o Entrudo constitui um circuito de festas pelo território da colônia.¹¹ Neste sentido, há registros da presença do Entrudo no Brasil - Colônia em Pernambuco (Araújo,1996), mas também na Bahia, como se pode perceber pelo diário de Charles Darwin, em Minas Gerais (Araújo, 2008) e Rio de Janeiro, através dos registros de Jean Baptiste Debret.

A chegada da família Real acabou por redimensionar a presença do Entrudo, considerando seu traço grotesco e violento, na ex-colônia que passaria então à condição de Império, intensificando as diversas portarias que proibiram as praticas do ritual. Antes da chegada da família Real, consta em 1784 a notícia da primeira delas. Mas com a chegada da família Real, estas portarias se intensificaram, pois há notícia de que tenham sido feitas em 1818, 1857, 1879 e 1885, como atesta Costa (2001, p.12).

¹⁰ Nota-se aqui que já se trata do contexto do Brasil Império. Voltaremos a discutir isto.

¹¹ Entre 1580 e 1640, o Brasil esteve sob controle da Espanha, período em que Portugal foi politicamente absorvido pelo governo espanhol. Seria oportuno descobrir como se deu o contexto do Entrudo no período, mas acreditamos que tenha seguido normalmente, uma vez que a península ibérica, de forma geral, é um contexto afeito às brincadeiras carnavalescas



Mas é com a chegada da família Real, vinda por conta dos conflitos políticos entre Portugal e a França de Napoleão Bonaparte, que o Brasil, o que inclui seu carnaval, então, vai definitivamente se modificar. Uma ironia se se pensar que a presença de “portugueses legítimos” seria responsável pela “morte” de seu filho brasileiro “bastardo”: o Entrudo. Isto porque o Entrudo, ao ser mimetizado na colônia vai se transformar em um tipo de ameaça para o projeto em que está envolvida a chegada da família Real.

A chegada da corte e seu projeto de invenção de um Império nos trópicos é um contexto dotado de pensamento iluminista: trazer luz para um espaço que, supostamente, estava nas sombras. É neste sentido que a mimesis do Entrudo que se processou durante a colônia passa a ser ameaça para este projeto, de acordo com Bhabha (2003,p.133): *A ameaça da mímica é sua visão dupla que, ao revelar a ambivalência do discurso colonial, também desestabiliza sua autoridade.*

Ao mesmo tempo, a própria família Real também pôde se camuflar de certa forma, uma vez que se pode notar que há uma ambivalência da presença da corte na então ex-colônia, como explica Malerba (2000:124) [...] *a corte e os estrangeiros ‘europeizaram’ os hábitos nativos, ao mesmo tempo que puderam ‘folgar’ certos rigores do viver civilizado, adequando-se aos ritmos do novo cenário tropical.*

Autores como Ferreira (2005) e Farias (2006) fazem menção ao processo que buscou civilizar o carnaval brasileiro. Este pode ser entendido como um projeto dotado de uma potência específica em relação ao carnaval e suas imagens, como afirma Araújo (2008, p.137,138):

A partir da segunda metade do século XIX procurou-se construir uma imagem para os festejos carnavalescos sustentados pela recorrência a tradições européias que, uma vez adotadas, desvinculariam do Brasil as imagens de atraso, falta de progresso material e cultural que freqüentemente lhe eram atribuídos.

Os precedentes deste processo dizem respeito ao caráter grotesco do Entrudo. A nova condição política do Brasil vai exigir mudanças no carnaval com a importação de modelos estrangeiros por conta da nova aspiração cosmopolita do Império. O Entrudo era considerado muito violento para um Império que desejava ser civilizado. Neste sentido, é interessante comparar dois registros pictóricos do Entrudo. Um feito por

Augustus Earle que descreve o Entrudo em caráter privado, ou seja, o interior de uma casa.



Figura 2 - Augusto Earle, Folguedo durante o Carnaval no RIO de Janeiro, C. 1822, aquarela. National Library, Camberra, Australia

Como observa Ferreira (2005,p.81), esta pintura ajuda a demonstrar que nas famílias mais abastadas, a brincadeira se direcionava para *performances* mais brandas e civilizadas. Outra questão importante é que há uma escrava na cena, mas seus gestos contidos contrastam com os efusivos movimentos dos demais, que inclusive criam uma guerra com seus vizinhos que também aparecem usufruindo da folia na casa da frente.



Figura 3 - Die Entrudo- 1834 Jean Baptiste Debret

Já este registro de Jean Baptiste Debret também mostra o lado “violento” da brincadeira, mas em outro espaço, a rua. E dentro de um contexto em que o carnaval já havia sido mimetizado pelo escravo. A cultura africana precisou se camuflar em



diversos sentidos no contexto colonial, por exemplo, nomes de santos católicos eram usados para camuflar os orixás africanos.

Como observa Bruhns (2000,p.100), o primeiro sinal da transformação carnavalesca data de 20 de janeiro de 1840, quando os jornais anunciam um ‘baile de máscaras como se usa na Europa, por ocasião do carnaval. Porém, durante alguns anos, o Entrudo continua a ser brincado e passa a conviver com estas outras formas mais aristocráticas da folia. No entanto, outro dado relativo a esta questão ajuda a perceber esta imagem sobre a violência do Entrudo, segundo Cunha (2001,p.78) a morte em 1850 do arquiteto francês e também integrante da missão artística, Grandjean de Montigny decorreu de uma brincadeira do Entrudo “muito animada” naquele ano. Este teria sido um dos estopins definitivos que deram fim às brincadeiras violentas no país. Curioso é o fato de que Grandjean de Montigny tenha chegado como parte de um projeto que tinha como objetivo civilizar a imagem do país e tenha sido morto por um dos signos da barbárie da época: o Entrudo.

Em um salto histórico, chegamos às atuais escolas de samba, que tanto no Rio de Janeiro, quanto em São Paulo, tem ganhado enormes dimensões midiáticas. Mas, estas dimensões devem ser vistas historicamente, olhando-se, por exemplo, as relações conflituosas entre a ideia de barbárie e civilização presentes na história brasileira no século XIX, da qual faz parte o carnaval.

Mas, diferentemente do Rio de Janeiro, em São Paulo, nota-se a presença de escolas de samba, oficialmente ligadas a times de futebol, caso da Gaviões da Fiel, da Manha verde e da Dragões da Real, relacionadas ao Corinthians, ao Palmeiras e ao time do São Paulo, respectivamente.

4 - SOBRE A NATUREZA DA VIOLÊNCIA

Já sobre a violência, de forma mais específica, segundo Pereira, este contexto pode ser individual ou coletivo:

Que é, afinal, a violência? Segundo a afirmação dos léxicos, é o ato contrário à razão, à justiça, ato veemente, resultante do emprego da força para a solução de qualquer conflito humano, seja individual, seja coletivo. (PEREIRA, 1975, p. 26)



Muitos pensadores dedicaram-se e dedicam-se ao estudo da violência, entretanto, quando se anseia buscar, entre suas pesquisas, uma definição de violência, o que se encontra é um longo corpus enleado de disposições e óticas distintas sobre o tema.

Alguns a tratam sob um prisma social, outros, pelo político, abrindo-se, assim, um leque de possibilidades que aponta a esfera institucional, histórica, filosófica, militar, terrorista, educacional, entre tantos outros haveres.

Em Nilo Odalia, Dalto Caram e Yves Michaud pode-se observar, em determinado momento, uma postura que se opõe ao ato de definir a violência. Vê-se respectivamente: “*Tentar defini-la é correr o risco de aprisioná-la num esquema formal estreito*” (ODALIA, 1985, p. 84):

Como se pode perceber a definição da violência coloca sérios problemas, pois se trata de algo que não se pode medir exatamente, que não é regulado ou proibido por nenhuma legislação, nem de direito nacional, nem de direito internacional. (CARAM, 1978, p. 91)

Como definir o que não tem regularidade nem estabilidade, um estado inconcebível no qual, a todo momento, tudo (ou qualquer coisa) pode acontecer? (MICHAUD, 1989, p. 12)

Percebe-se, nos três autores, uma postura similar ao enquadrar a violência como algo não em repouso, suscetível a mudanças, volúvel, portanto, capaz de ser reconhecida em diferentes formas e por diversos pontos de vista.

Mesmo diante da problemática, os pesquisadores, entre eles os citados, acabam remetendo-se a uma definição. Para tanto, vários caminhos são traçados e diversos os remates apresentados.

Nestas vias, José Pereira (1975) comenta a diferença existente entre violência e agressão, aludindo ao conceito do professor Friedrich Hacker em *Agressividade*, que classifica a primeira como a concretização, principalmente física, da segunda:

Porque realmente não há que confundir agressão com violência. Aquela é inata no ser vivo. Existe na face da terra antes mesmo do aparecimento do homem no globo. Não é condição exclusiva do ser humano. O que é exclusiva do ser humano, à vista da sua racionalidade, é a violência, não a agressão, que é própria, biologicamente, de todo ser vivente. Assim, pois, toda violência é agressão, mas nem toda agressão é violência. (HACKER apud PEREIRA, 1975, p. 27)

O cotidiano do ser humano é entranhado de violência; estes autores pesquisados crêem de forma unânime nesta afirmação, contudo, mesmo que a agressão atinja diretamente este ser humano, tanto no cotidiano moderno quanto no mais antigo, examina-se que a violência presenciada nem sempre pode ser tomada como uma



agressão. A postura agressiva pertence tanto ao homem quanto ao animal, no entanto faz-se necessário verificar sobre o fato dela ser ou não uma característica biológica.

Ao percorrer o lento e gradual processo cronológico da história, o observador divisa a necessidade da conduta adversiva tanto humana quanto animal. Ambos se valeram e se valem desta conduta pela própria necessidade de sobrevivência, porém, no caso segundo, ela é utilizada de forma espontânea, sem causa exterior aparente; já o ser humano a emprega, *a priori*, a partir do uso de sua racionalidade.

De um lado, os estudos da conduta adversiva (agressiva) dos animais, comparada com o comportamento agressivo do homem, evidenciam que só o homem possui capacidade de destruir e de atacar de maneira ordenada. Não havendo comparação possível entre a violência humana e a conduta adversiva dos animais, a violência é indevidamente chamada de “bestial”, “animalesca” ou assimilada ao comportamento dos animais e chamada de “lei da selva”. (CARAM, 1978, p. 87)

Segundo Padilha (apud PEREIRA, 1975), o animal irracional age em função de um determinismo; já o homem, que é dotado de consciência, sobrepuja pelas suas ações a espontaneidade da ação animal, situando-se assim no plano da marginalidade. Portanto, seria de se aceitar o conceito da contemporaneidade da violência ao homem.

A comparação posta o ser humano, em virtude de sua racionalidade, numa escala superior a dos outros animais, contudo, é este mesmo elemento comparativo – a racionalidade – que o acaba rebaixando sob a mira da ética, pois se o ser humano é o detentor do raciocínio, fato que o difere dos demais animais, o mesmo deveria, em virtude desta faculdade de raciocinar, postar-se distante da violência, empreita que não realiza.

Lembre-se que há aproximadamente 30.000 anos o homem de *Neanderthal* foi substituído pelo homem moderno, fato que marcou a passagem do ser humano do mundo biológico para o da cultura, no qual este novo homem começa a criar símbolos para expressar pensamentos.

O desenvolvimento da linguagem falada foi um fator de extrema importância para que o homem deixasse a condição biológica e adentrasse a cultural, conferindo ao homem moderno a superioridade sobre os outros animais.

O aparecimento da cultura relaciona-se diretamente com o surgimento da língua falada, que, por sua vez, foi primordial para troca de experiências, do conhecimento, da consciência, do pensar simbólico e abstrato que levou o *Homo sapiens* ao desenvolvimento de conceitos éticos. (MERCADANTE, 1997).



Nota-se, portanto, quão várias são as possibilidades de delimitação do tema, todavia, Michaud (1989), após percorrer algumas das definições, acaba criando a sua própria:

Tentamos dar uma definição que dê conta tanto dos estados quanto dos atos de violência. “Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais¹².” (p. 10-1)

Consoante às disposições acima, pode-se depreender alguns elementos constituintes da violência. Ela pode se expressar através do ataque ou da defesa, e, em geral, mas não sempre, alicerçada pelo emprego da força, que ou impõe ou vai contra uma pressão, um excesso calcado na ausência – contrária à razão e à justiça – da liberdade, gerando danos, os quais podem ser físicos e/ou morais, que se representem nas posses ou nos planos simbólicos e culturais de um homem, de um grupo, de uma sociedade, de uma ou várias nações. No caso das relações entre futebol e carnaval em São Paulo, os danos, por exemplo, dizem respeito às escolas de samba e aos times envolvidos, o que revela as conexões do contexto.

Continuando, Thieban (1998) conceitua ato como o resultado de um processo realizado por um agente ou ator com possibilidade para tal. Compreende-se, portanto, sob esta ótica, o ato de violência como uma manifestação de algo maior que seria o estado de violência. Todavia, este último não encontra uma definição sagaz, já que não é pontual, determinado, e, em vista disso, mais preocupante do que o ato.

Em um primeiro momento, observando os limites da violência na sociedade contemporânea, há a possibilidade de não se distinguir um ato violento de um ato natural (ODALIA, 1985), porém, ao perceber o ato violento, crê-se estar diante de algo mais forte e crítico, justamente em virtude deste poder ser visto e definido. Mas o ato é produto de um estado, assim, mesmo que o primeiro chame mais atenção, o segundo é sua gênese. No caso do futebol e do carnaval, quando inseridos na mídia, este “poder visto e definido” multiplica-se.

Assim, tanto o ato no estado de violência pode ser julgado a partir de óticas diferentes, o que remete a violência a um contexto e a um conjunto de circunstâncias que possibilitam o seu surgimento. No caso do contexto das relações entre violência e

¹² MICHAUD, I. *Violence et politique*. Paris: Gallimard, 1978, p. 20. (Col. Lês Essais)

futebol, Reis argumenta que o ato violento, em sua materialidade física, tem relações com as condições simbólicas de sua existência:

Normalmente a violência com agressões físicas ocorre precedida de agressões de violência simbólica, e a transformação das agressões simbólicas em físicas ocorre quando o indivíduo perde o controle durante suas manifestações afetivas/simbólicas e parte para a violência manifesta – física. Reis (2006, p.16)

No caso do carnaval de São Paulo, questão analisada neste trabalho, a manifestação física da violência aconteceu na apuração das notas do desfile e envolveu diretamente a torcida organizada de um das mais tradicionais times da cidade: o Corinthians. Mesmo acontecendo fora dos estádios, a relação entre a violência do futebol entre carnaval foi acentuada pela forma como os meios de comunicação, principalmente a Internet, espalharam as imagens de barbárie, trazendo à tona, a questão de que esta violência física e simbólica das torcidas organizadas não se restringe aos campos e estádios de futebol. Com argumenta Reis:

As manifestações violentas envolvendo torcedores de futebol em dias de jogos, dentro ou fora dos estádios, são atualmente um problema de segurança pública e um objeto de pesquisa da sociologia do esporte em vários países, já que o fenômeno reúne as características de estabilidade e persistência, ocorrendo com regularidade, e tendo como lugar os estádios de futebol e as suas imediações, não sendo raras também as manifestações violentas em outros locais das cidades onde ocorrem os jogos. Reis (2006, p.31)



Figura 4- Barreira policial. Fonte: www.folha.com.br



Figura 5 – Torcedores da Gaviões da Fiel colocam fogo em alegoria, segundo os Jornais. Fonte: www.folha.com.br

O que acaba por emergir, e reforçar o senso comum sobre a questão, é que a violência ligada ao universo do futebol não se restringe aos estádios. As imagens demonstrando alegorias em chamas e mesmo barreiras policiais alimentam este imaginário. Mas, a mídia não buscou demonstrar, que a violência não esta associada apenas ao futebol, pois, como pode se ver acima, historicamente o carnaval é um contexto culturalmente propicio à agressividade.

5 – CONSIDERAÇÕES: A VIOLÊNCIA DO FUTEBOL NO CARNAVAL. OU A VIOLÊNCIA DO CARNAVAL NO FUTEBOL?

O que este trabalho buscou relacionar foi a ideia de que a violência relacionada ao universo do futebol encontrou, neste episódio do carnaval paulistano em 2012, um momento de conflito entre a ideia de barbárie e civilização, ideias caras à própria formação histórica da festa carnavalesca, como se teve a oportunidade de demonstrar brevemente neste artigo. Os conceitos de reflexões de que o carnaval cria um mundo com ordem e hierarquias próprias encontra neste episódio um momento irônico, pois na gênese da festa a questão da violência e do grotesco parecem algo intrínseco. Mas, no caso da violência da torcida da Gaviões da Fiel, por exemplo, o contraste entre a estética civilizada que os atuais desfiles de escola de samba possuem, com sua visibilidade midiática, com a imagem de agressividade presente na história do carnaval, ficou evidente que a mídia parece ter escolhido associar o caso exclusivamente ao contexto da violência do futebol.



Mas, uma questão este trabalho coloca é que neste caso, o da relação entre carnaval e futebol na cidade de São Paulo, a pergunta que pode ser feita é se o que aconteceu se deveu à natureza da violência envolvida no contexto do futebol ou se foi a histórica e cultural agressividade inerente à festa carnavalesca que emergiu.

O que argumenta-se, diante dos conceitos e ideias apresentados neste breve artigo, é que o caso envolveu uma combinação complexa destes dois universos, demonstrando, inclusive, que há uma natureza sistêmica na questão, uma vez que um contexto parece ter fortalecido o outro. Quando se compara as imagens feitas por Jean Baptiste Debret, por exemplo, com as imagens que foram veiculadas pela mídia a respeito do caso da violência do carnaval em São Paulo no ano de 2012, imagens apresentadas anteriormente, percebe-se uma espécie de retorno exagerado da natureza carnavalesca.

Cabe, então, ainda perguntar, se a ideia de civilização consegue existir sem a ideia de barbárie, uma vez que se deve analisar a questão sob a ótica da complexidade sistêmica. Ou seja, parece ser impossível o sonho positivista de uma civilização sem conflitos. Os jogos, sejam de futebol ou de competição entre escolas de samba, podem amenizar a questão, mas parece que a violência é um aspecto incorporado à natureza humana.

REFERENCIAS

- ARAÚJO, Patricia. **Folganças Populares: Festejos de Entrudo e Carnaval em Minas Gerais no século XIX**. Annablume, São Paulo, 2008
- ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. **Festas: Máscaras no tempo. Entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife**. Fundação da Cultura da Cidade do Recife. Recife, 1996
- BAHKTIN, Mikhail. **Cultura Popular na idade media e no renascimento**. Hucitec, Brasília, 2008
- BHABHA, Homi. **O Local da cultura**. Ed. Ufmg, Belo Horizonte, 2003
- BRUHNS, Heloisa T. **Futebol, Carnaval e Capoeira: Entre as gingas do corpo brasileiro**. Papyrus, Campinas, 2000.
- CARAM, Dalto. **Violência na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.
- COSTA, Haroldo. **100 anos de carnaval no Rio de Janeiro**. Irmãos Vitale, Rio de Janeiro, 2001
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da Folia: Uma história Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920**. Unicamp, Campinas, 2001
- FARIAS, Edson. **O desfile e a cidade**. E-papers, Rio de Janeiro, 2006
- FERREIRA, Felipe. **Inventando Carnavais**. Ufrj, Rio de Janeiro, 2005
- DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. Brasiliense, São Paulo, 1994.



- MERCADANTE, Clarinda. **O homem – que bicho é esse?** São Paulo: Moderna, 1997.
- MICHAUD, Yves. **A violência.** São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios, 57)
- NARLOCH, Leandro. **Guia politicamente incorreto da História do Brasil.** Leya, São Paulo, 2009
- ODALIA, Nilo. **O que é violência.** São Paulo: Nova Cultural/Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos, 59)
- PEREIRA, José. **Violência: uma análise do “Homo brutalis”.** São Paulo: Alfa-Omega, 1975. (Coleção atualidade)
- REIS, Heloysa helena Baldes dos – **Futebol e Violência,** Campinas, Sp: Armazém do Ipê (autores associados), 2006. Co-edição Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo – Fapesp.
- SODRÉ, Muniz & PAIVA, Raquel. **O Império do Grotesco.** Mauad, Rio de Janeiro, 2002
- THIEBAUT, Carlos. **Conceptos fundamentales de Filosofía.** Madrid: Alianza Editorial, 1998. (Colección de Conceptos Fundamentales)